

## **LAURA MOUTINHO: PENSANDO A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E NAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO**

**MILENA MENDIONDO DA ROSA<sup>1</sup>; JULIANE DE OLIVEIRA KRÜGER<sup>2</sup>; FLAVIA MARIA SILVA RIETH<sup>3</sup>**

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – milenamendrosa@gmail.com*

*<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – jukruger\_@hotmail.com*

*<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho foi desenvolvido para a finalização da disciplina de Teoria Antropológica IV (Brasileira), no curso de Bacharelado em Antropologia. Conforme a proposição da disciplina, realizamos uma antropologia da antropologia (Peirano), destacando o processo de institucionalização da área no Brasil a partir de Roberto Cardoso de Oliveira, identificando as diferentes linhagens teóricas de antropólogos e antropólogas. Nesse sentido, observou-se a ampliação dos temas de estudo considerando a coexistência de diferentes alteridades, de diferenças culturais entre o universo do(a) antropólogo(a) e do outro. O período de 1920 e 1930 se caracteriza pela alteridade radical, com os estudos em sociedades indígenas; nos anos de 1940 e 1950, contato com a alteridade, abordando os estudos rurais e caboclicização das populações indígenas; a alteridade próxima se estabelece com o ingresso no meio urbano, a partir de 1960, momento em que a área se institucionaliza na pós-graduação; e a alteridade mínima, que é a discussão da produção de uma escola brasileira de antropologia.

Nessa lógica, optamos por pesquisar sobre a antropóloga Laura Moutinho, que trabalha, principalmente, com as questões de raça, gênero e sexualidade, e como tais categorias se articulam, principalmente, no contexto brasileiro. Laura Moutinho é graduada em Ciências Sociais pela UFRJ (1991) e especializou-se também em Ciências Sociais na UFRJ em 1992.

Seu mestrado em Sociologia e Antropologia, na UFRJ, obtido em 1996, sob a orientação de Yvonne Maggie, teve como título “Negociando Discursos: Análise das Relações entre a Fundação Ford, Movimento Negro e a Academia”; Maggie é doutora em Antropologia Social pela UFRJ e trabalha com a antropologia das populações afro-brasileiras, com ênfase nas temáticas de religião, relações raciais, ação afirmativa e educação.

Sob a orientação de Peter Henry Fry, Moutinho obteve seu doutorado, também na UFRJ, no ano de 2001, em Antropologia Social, intitulado “Razão, ‘Cor’ e Desejo: uma Análise Comparativa sobre Relacionamentos Afetivos-Sexuais ‘inter-raciais’ no Brasil e na África do Sul” transformou-se em livro, publicado pela Editora Unesp (SP) em 2004, graças ao prêmio EDUCS/ANPOCS para melhor tese de doutorado. Realizou pós-doutorado na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, nos anos de 2013 e 2014. Peter Fry graduou-se em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Londres, e escreve sobre religião, sexualidade e relações sociais.

Laura Moutinho atua como professora associada (livre-docente) do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da USP. É bolsista produtividade nível 1 D no CNPq. Em 2011 foi Membro Eleito do Conselho Científico da ABA; atualmente é coordenadora (e co-fundadora, com

Wilson Trajano Filho) do Comitê de Estudos Africanos da ABA. Pesquisa e publica sobre: interseccionalidade; nacionalismo africânder; relações raciais, miscigenação e identidade nacional Brasil e África do Sul; ultra-direita e militarismo na África do Sul; raça, gênero e (homo)sexualidade sob a perspectiva da moral e da emoção; Direito, Antropologia e Política; África Austral (África do Sul e Moçambique); e Antropologia da África.

## 2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado no presente trabalho foi a realização de revisões bibliográficas de quatro artigos de Laura Moutinho: “‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul” (2004); “Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado” (2004); e “Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes” (2014).

Todos os textos foram encontrados online. Foi consultado também o currículo Lattes da autora e de seus orientadores (última consulta em 04/09/2018 às 23h47min).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Laura Moutinho discute a interseccionalidade entre raça, gênero e sexualidade, e como o arranjo entre tais categorias contribuem para construir uma representação específica de nação. Em “‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul”, realiza uma comparação entre os relacionamentos afetivo-sexuais entre negros e brancos no Brasil e na África do Sul, tendo como base dois escritos literários: “Anjo Negro”, do brasileiro Nelson Rodrigues; e “Desonra”, do sul-africano John Coetzee. O interesse da autora se centra nas representações sobre raça, gênero, sexualidade e nação que são veiculadas nas obras focalizadas.

O conceito de interseccionalidade entre raça e gênero com o qual Laura Moutinho trabalha, foi desenvolvido teoricamente por Kimberle Crenshaw, importante pesquisadora e ativista norte-americana, professora de Direito da Universidade de Columbia e da Universidade da Califórnia, com forte atuação nas áreas dos direitos civis, da teoria legal afro-americana e do feminismo.

Crenshaw fala da importância de compreender que homens negros e mulheres negras podem experimentar situações de racismo diferentes, de formas relacionadas especificamente ao seu gênero. A visão tradicional sobre discriminação racial e discriminação de gênero parte do princípio de que se fala de categorias diferentes de pessoas; a interseccionalidade, conforme o conceito estabelecido pela autora, propõe que, ao contrário, nem sempre se lida com grupos diferentes de pessoas e sim com grupos sobrepostos.

Dessa forma, sendo a interseccionalidade o produto de diferentes formas de discriminação e subordinação, Kimberle Crenshaw pontua a necessidade de pararmos de pensar nas categorias de gênero e de raça, principalmente, como mutuamente exclusivas – elas se interconectam, bem como as categorias de sexualidade, classe, deficiências, dentre outras, constituindo formas de discriminação bastante específicas.

Moutinho utiliza, em todos os seus artigos, o termo “raça” entre aspas. Explica que segue este procedimento, sugerido por Peter Fry, desde seu doutoramento. O objetivo de grifar as categorias “cor/raça” entre aspas é destacá-las como construções históricas e culturais específicas. No entanto, na nota número 2 de “‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul”, declara que as categorias “gênero” e “nacionalidade”, naquele texto, também devem ser lidas como relacionais, contextuais e, “sobretudo, sendo construídas e vividas a partir do arranjo de certos signos de prestígio e status” (MOUTINHO, 2004).

Ressalta, também, que a “mistura racial” sempre retém algum tipo de hierarquia – nunca é representada completamente como “fusão”. Dessa forma, a miscigenação no Brasil (o tão exaltado “paraíso racial”), se deu através da violência sexual sofrida pelas mulheres negras pelas mãos dos homens brancos; em seguida, pelas “mulatas” – estas, até os dias atuais, tidas como símbolo do erotismo, extremamente sexualizadas. A relação afetivo-sexual entre homens negros e mulheres brancas não é posta em questão na discussão sobre mestiçagem.

Na literatura analisada pela autora em “‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul” e em “Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado”, vemos como o relacionamento afetivo-sexual entre o homem negro e a mulher branca não se configura como “legítimo”, não permitindo a procriação. Em “Anjo Negro” (“‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul”), a relação se dá através do estupro da mulher branca pelo homem negro e, nas três vezes em que a mulher dá à luz uma criança negra, mata-a. Já em “Jubiabá”, de Jorge Amado, (“Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado”), a relação não se constitui, mas se mantém “platônica”; o filho da mulher branca, concebido da relação com um homem branco, é criado como filho pelo homem negro após a morte da mulher.

Isso é justificado pelo fato de que o domínio do homem branco e colonizador, seja sobre o homem negro, seja sobre a mulher branca, estaria “em risco”: a mulher branca, dona de casa, mãe e esposa que deve “honrar” o marido, estaria “se rendendo” aos seus desejos sexuais; o homem negro, escravizado, “selvagem” e inferior, estaria “tomando o lugar” o homem branco na relação, destituindo-o de sua posição histórica de domínio. Por isso, a mestiçagem brasileira é sempre representada pelo “casal” homem branco/mulher mestiça. Conforme Moutinho (2004, p. 323):

[...] o tom da “mistura” (sempre hierarquizada), que se justapõe ao tom da nação, será produtor da “boa ordem” se vindo do casal “branco”/mestiça. Trata-se do *domínio do macho sobre a fêmea, do “branco” sobre o “não-branco”, do colonizador sobre o colonizado, do civilizado sobre o selvagem. O mesmo não ocorre quando se inverte tal composição* (grifos nossos).

Já em “Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes”, a autora realiza uma reflexão sobre a maneira como um determinado conjunto de marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe, sexualidade) vem sendo agenciado recentemente em reflexões acadêmicas e políticas. A intersecção entre raça, nação, sexualidade e gênero, conforme a autora, ganha destaque nos debates acerca de direitos diferenciados e políticas de

reconhecimento, produção de novas sensibilidades e da ressemantização de antigas formas de exclusão (MOUTINHO, 2014).

A autora coloca que, no fim da década de 70 e início de 80, configura-se, no campo de estudos raciais, uma linha de pesquisa que articula marcadores sociais da diferença, principalmente, sobre desigualdade social/econômica, mercado de trabalho e educação – corte fundante promovido pelos trabalhos de Carlos Hasenbalg. Apenas recentemente vêm sendo inseridos na discussão sobre “raça” e “nação” marcadores como gênero, sexualidade, e ainda mais recentemente, geração/idade e deficiência.

#### 4. CONCLUSÕES

Laura Moutinho emprega esta noção de intersecção em suas pesquisas, que estão dentro da grande área de Estudos Raciais, compreendendo como as categorias de raça, gênero e sexualidade interseccionadas configuram formas específicas de discriminação no contexto brasileiro e da África do Sul.

Passando pela abordagem dessas questões tanto no tempo presente, em diferentes esferas, quanto realizando análises sobre obras literárias de períodos específicos do século XX, para chegar a compreensões sobre como tais intersecções constroem a identidade nacional dos dois países, Moutinho se insere em um campo de estudos clássico na antropologia brasileira. A perspectiva da interseccionalidade, proposta pela autora, é um caminho que se reconfigura acompanhando as mudanças do contexto em que vivemos, vinculadas aos movimentos negro e feminista.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem. 2004.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: Balanços e Perspectivas. Cadernos Pagu**, Campinas, 42, p. 201-248. 2014.

MOUTINHO, Laura. Entre o realismo e o ficcional: representações sobre “raça”, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14(2), p. 307-327. 2004.

MOUTINHO, Laura. “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Cadernos Pagu**, Campinas, 23, p. 55-88. 2004.

PEIRANO, Mariza. Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada). In: Sergio Miceli (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). Antropologia (volume I)**. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 225-266.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira? In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. Capítulo 5, p. 109-128.